

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quinta temporada

Episódio #27: “As mães que, sim, existem: amamentação e perspectivas feministas”

Transcrição do episódio: Isabela Soares Pinto e Maxie Viana Pereira

Revisão da transcrição: Maxie Viana Pereira e Daniela Tonelli Manica

Roteiro

LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

Abertura

Daniela Manica:

Todo o processo de gestação, parto e nascimento é um grande acontecimento, que mobiliza muita gente, muitos cuidados. Especialmente quando é a primeira gestão de uma pessoa. Tem sempre muita informação circulando sobre gravidez e parto. Mas a gente ainda fala muito pouco do período imediatamente depois que o bebê nasce, os primeiros dias, primeiras noites. Essa fase que chamamos de puerpério, e que é puro caos e muitas emoções. Hoje, a gente vai conversar sobre amamentação. Essa fase importante que acontece no puerpério e que envolve uma nova relação entre mães, bebês, famílias e suas dinâmicas. Quais são os problemas e dilemas que acontecem durante essa fase? É possível pensar em perspectivas feministas sobre a amamentação? Como elas se relacionam às expectativas das mulheres e às prescrições e orientações do campo da saúde?

Olá, eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora no Labjor, da Unicamp. No episódio de hoje vamos conversar com Marina Nucci, que é Doutora em Saúde Coletiva e professora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, e com Bianca Balassiano, consultora de amamentação. Elas duas se conheceram quando Marina teve sua primeira filha, e Bianca ajudou Marina com as suas dificuldades ligadas à amamentação. A gente vai falar sobre o tipo de trabalho que a Bianca faz, e como Marina desenvolve perguntas feministas de pesquisa a partir disso.

Irene: Oi, eu sou Irene do Planalto, da equipe do Mundaréu em Campinas e mestranda no Labjor. O episódio de hoje foi gravado no Rio de Janeiro em outubro de 2023. Na gravação, além da Daniela, também estavam a Fernanda Mariath e a Isabela Soares, da equipe do Mundaréu. Vem com a gente, vamos entrar no consultório da Bianca.

BLOCO 1: Mães, consultoras e pesquisadoras sobre a amamentação

(som de porta abrindo)

Bianca: Oi! Tudo Bom?

Daniela: Olá, Bianca! Tudo bem?

Fernanda: Oi!

Bianca: Tudo bem! Quanto tempo! Fica à vontade, gente. (todas se cumprimentam e se apresentam).

Daniela Manica: Assim que a gente chegou, demos de cara com um consultório bem diferente. Nós pedimos para Marina descrever onde a gente estava.

Marina Nucci: Bom, a gente está aqui nessa sala. Fica em Copacabana, que é um bairro na zona sul do Rio, bastante movimentado. Então, de vez em quando a gente está ouvindo uns barulhos de, do trânsito, apesar de a gente ta num andar bem alto, né? É, então, a gente está numa sala, é uma sala bem aconchegante, tem uns quadros muito bonitos da parede por exemplo, tem um quadro ali escrito, "cuide de quem cuida", né? É... e bom, a sala tem uma bancada com uma balança, né, para colocar o bebê, é, tem uma mesa, tem uma poltrona, cadeiras e um monte também de de peitos. Tem uma porção de, tem um tapete com um formato de de um seio, né com mamilo. E um quadrinho também com vários peitos na parede.

Irene do Planalto: Aí, pedimos para a Bianca se apresentar pra gente...

Bianca Balassiano: Eu sou psicóloga, né? Sou especialista em saúde materno infantil e trabalho como consultora de amamentação e professora de profissionais que querem trabalhar, seja como consultora de amamentação ou também na área aí, né? É da perinatalidade e tudo, mas atendendo famílias que estão vivendo dificuldades ou que estão precisando de orientação para amamentar. E a amamentação surgiu na minha vida por causa da minha filha, porque eu, assim como boa parte das pessoas, achava que amamentar era uma coisa super intuitiva, achei que ela ia nascer, ia botar no peito e ... Eu já estava um pouco metida assim nesse cenário do parto humanizado, mas eu nunca achei que amamentar era, tinha, também... precisava de preparação assim, sabe? Então, me preparei bastante para o parto, mas a... eu lembro... Eu sempre conto essa história. Eu estava acompanhada de uma doula na época, que era acho que uma das únicas que tinha aqui no Rio, a Fadinha. E ela dava algumas aulas no sábado de manhã. E uma delas era de amamentação e eu falei, essa não vou porque é sábado, eu não gosto de acordar cedo, não precisa aula de amamentação, para quê né? E eu não fui. É, e quando minha filha nasceu, ela não mamou assim logo de cara eu botava ela no peito e ela ... não mamava como eu achava que deveria mamar, não era nada assim, automático. É... por sorte, eu já estava ligada assim, de onde eu podia buscar ajuda, e aí eu busquei ajuda rapidamente, que foi no banco de leite do Fernandes Figueira. Tive uma consultora de amamentação que veio na minha casa. Na época não era tão difundido, mas enfim, e eu... é... vivi um momento assim que eu acho que foi muito importante ali, que foi gostar muito daquilo.

Daniela: Pedimos para Bianca contar sobre como foi sua formação para trabalhar como consultora

de amamentação, e quais as dificuldades que enfrentou nesse processo.

Bianca: É, então é complicado isso porque a gente não tem... O trabalho da consultora de amamentação não é uma ocupação reconhecida em muitos países. Isso não é uma particularidade do Brasil, não. Então assim, você não tem um currículo único, você não tem uma, um curso, uma faculdade, uma graduação, você... para trabalhar com amamentação né. O que eu fiz, foi buscar cursos livres, né? Então eu comecei a buscar tudo o que tinha de curso e aí você vai ter Ministério da Saúde, Hospital Amigo da Criança... É... iniciativas, cursos privados ou não e tal, e muita leitura, né? Depois de um tempo, daí começou a minha insatisfação porque realmente, assim, eu via que o que eu tava aprendendo não era o suficiente para ajudar as pessoas que estavam com dificuldades. É, eu comecei a buscar recursos fora, né? Então é... eu acho que é um pouco também um momento em que eu me dei conta do que é que era literatura científica, coisas que na minha graduação, apesar de ter feito, não, é uma graduação numa universidade que é considerada assim excelente, que é a UFRJ e tudo mais. Eu tive muito pouco contacto, né? Num determinado momento, é, eu bati na porta também do banco de leite e me foi dada uma oportunidade de passar um ano lá. Então, assim, sou muito grata a essa experiência também, passei um ano lá acompanhando famílias e acompanhando o trabalho deles. Existe uma certificação Internacional, mas ela não é uma... Ela não habilita você a praticar. Ela é uma chancela assim, né? Você pode buscar essa certificação se você tiver alguns pré-requisitos, e dentre eles horas de atuação também. Então assim, essa é a certificação que a gente tem, assim mais conhecida, mais aceita mundialmente e tudo. Mas eu só fui buscar essa certificação em 2015. Eu já atuava com amamentação há algum tempo, né? E foi um pouco assim a minha formação, múltipla, sabe? que ainda é um pouco a formação dos profissionais hoje.

Irene: Foi a experiência da maternidade que sensibilizou Bianca para trabalhar com amamentação, assim como ocorre com muitas outras mulheres. A gente perguntou o que ela achava disso.

Bianca: Tem muita gente que caminha para a assistência por causa da história pessoal, muita gente, muita gente, é... Algumas outras estavam no seu, né? Atuavam em maternidade e tal, foram colocadas ali dentro daquele departamento e opa! Viram ali uma oportunidade e tal. É mais difícil, sem dúvida, encontrar pessoas que trabalham com amamentação, que não tiveram bebês ou não amamentaram. Então, isso é bem mais difícil você encontrar. Mas eu diria que as pessoas que acabam, né? Enveredando por esse caminho, quase sempre tem uma coisa muito pessoal, assim. Muito, né, da própria história. Eu, na minha formação, eu vejo isso muito.

Daniela: É muito interessante como coisas do dia-a-dia que são escanteadas pelos machismos que vivemos podem tomar grandes proporções nas nossas vidas, virando um tema de pesquisa e de trabalho.... Esse também foi o caso da Marina...

Marina: É, isso que eu tava pensando né? Porque, no meu trabalho, uma coisa que eu discuto né, como que essa... Isso que Bianca falou, como que essa própria história com amamentação atravessa né? As mulheres, a história da maternidade, atravessa as pessoas e faz com que elas vão buscar um outro interesse ali de trabalho mesmo, né? E isso acontece também muito na Antropologia, né? Tem o meu caso, mas também conheço alguns casos, né, de colegas que depois que viraram mães, tiveram seus filhos, começaram a pouco reordenar ali, os interesses de pesquisa, para esses assuntos, né? o que não quer dizer que você precise ter filho para estudar esse assunto né? Mas assim. A minha sensação é que tinha uma porção de questão ali que estava gritando para mim que parecia que ninguém meio que estava prestando atenção nelas, né? Então é... Algumas coisas ficam tão evidentes que, assim, parece que o caminho mais natural ali, a gente acabar olhando para aquilo, né? Já que a gente está tão imerso naquele na maternidade, e tudo.

Irene do Planalto: A gente ficou curiosa para saber como é, de fato, o trabalho de consultoria que a Bianca oferece. Então, pedimos para ela contar sobre esses atendimentos...

Bianca: Elas procuram pelo WhatsApp hoje em dia, né? Então, assim, ou ela recebeu a indicação de alguém ou ela viu na rede social, ou algum profissional que já deu algum telefone. É... Hoje eu só faço atendimento aqui no consultório. Mas por muitos anos, como foi na época lá da Marina, eu atendia na casa das pessoas, né? Então todo atendimento vai ter algumas avaliações ou a fase de colher dados de, é, fazer orientação de dizer pra pessoa depois as recomendações e tal, que vão se repetir, agora boa parte da consulta é escuta mesmo assim, então é preciso dedicar um tempo muito, né? Bom de qualidade e tal, para entender o que é que está acontecendo. A consulta, ela geralmente dura 1 hora e meia, quando ela era feita em na casa das pessoas, ela costumava demorar um pouco mais. Aí, a maior parte realmente são as pessoas que tiveram um bebê e estão passando por dificuldade, algum problema para amamentar, né? E... ou a qualquer momento. Vou voltar a trabalhar, vou sair e tudo mais, e até a fase do desmame também, que é o final, né? Então quero parar de amamentar, estou com dificuldades...

Daniela: Nós perguntamos, então, pra Bianca, quais as principais dificuldades que as mulheres trazem para as consultorias...

Bianca: No pós parto imediato, a gente tem 2 dificuldades que são as campeãs, tá? A primeira, é a questão de achar ou realmente não estar produzindo leite suficiente, tá? Eu acabo sendo muito procurada para isso também, então talvez eu também tenha uma visão um pouquinho contaminada, mas os estudos me dizem que não, que realmente isso mundialmente, é uma das queixas, mais relatadas, justificadas... é, porque eu trabalho muito com pessoas, redução de mama, baixa produção, e tal. Mas assim, essa sem dúvida, eu acho que é uma das campeãs, né? Acho que meu filho não está mamando o suficiente ou, não estou produzindo leite suficiente. E a outra é dor, dor para amamentar, é machucados, fissuras, sangramentos, é... são super comuns. Trazem as pessoas pro atendimento também, porque... É um cenário em que a pessoa se vê, é assim, impossibilitada, realmente de amamentar, né? Ela não consegue a próxima mamada assim, então esses são os cenários "campeões aí de audiência", mas tem muitos outros também. Bebês que não conseguem mamar, ou né... passou por internação. Muitas outras queixas que a gente recebe né? Hoje tem também um outro cenário que é muito assim, angustiante, que é a coisa da língua presa, sabe? Assim, então também chega muito isso, sabe? Que não é uma realidade também só do Brasil de novo, que acho que hoje a gente vive esse momento, tudo vai meio, tudo é meio global. **As coisas podem chegar em tempos diferentes, mas elas vão caminhando junto, sabe?**

Transição musical

É hora, agora já foi

É hora, agora já foi

Vem, vamos brincar de amanhecer

E o amanhã vai se estabelecer

É hora, agora já foi

É hora, agora já foi

BLOCO 2: "A vida é curta demais pra gente perder tempo tentando ser uma mãe que não existe"

Daniela: Na sala da Bianca um dos quadrinhos dizia assim: "A vida é curta demais pra gente perder tempo tentando ser uma mãe que não existe". Falar sobre amamentação é falar sobre ideais de maternidade que muitas vezes são inalcançáveis para a maioria das mulheres. Isso, portanto, faz da amamentação um tema de pesquisa feminista.

Irene: Voltando para aquela conversa sobre a importância das nossas experiências e histórias pessoais, pedimos para a Marina contar um pouco mais sobre como a amamentação se tornou um

tema de pesquisa pra ela...

Marina: É, eu acho que não foi só a experiência em si de amamentação, mas foi assim... quando eu tive, que dizer, minha primeira filha eu tava no doutorado pesquisando outra coisa, né. E aí eu tive essa questão de dificuldade pra amamentar, busquei ajuda e enfim, e comecei a ler né e entender um pouco mais sobre o processo. Mas a sensação é que eu comecei a ficar com alguns incômodos né, eu acho que os incômodos que me motivaram mais. Então eram incômodos com a forma como a amamentação muitas vezes é tratada né no, assim, pelo campo da saúde, né? uma perspectiva ali muito essencialista. Uma ideia de que a amamentação equivale ao amor materno né, então tinham várias questões do ponto de vista feminista mesmo, que tavam me chamando a atenção né. Então, é eu acho que esses incômodos que foram me motivando no diálogo com a Bianca, mesmo antes de pensar em fazer um projeto de pesquisa específico sobre isso, né? No diálogo outras pessoas, enfim, que também tavam passando pela maternidade, esses incômodos em relação à essa perspectiva muito de um certo campo da saúde.

Daniela: Algo que nós discutimos muito dentro da crítica feminista é justamente sobre como perspectivas essencialistas invisibilizam e inviabilizam uma vida com multiplicidade e dignidade.

Irene: E a amamentação não escapa dessa lógica, sendo muito associada a um amor materno idealizado.... Pedimos pra Marina comentar sobre esse essencialismo em relação às maternidades.

Marina: Ah, a gente tem uma série de metáforas em relação à amamentação, né? É amor em gotinhas, é amamentação como um ato de amor. Amamentar é dar o melhor para o seu bebê. São frases ali que muitas vezes estão nos assim são, fazem parte do discurso oficial do Ministério da Saúde mesmo, né? E que estão ali com uma certa noção do que é ser mãe, né? Então ser mãe você precisa amamentar, porque amamentar é dar o melhor para o seu bebê. E você, como uma mãe, você não quer ser uma mãe que não vai dar o melhor para o seu bebê, né? Então tem ali todo um campo moral, né? Mesmo quando a gente está falando ali de, é, prescrições, digamos, médicas científicas, né? Tem sempre ali uma questão moral que está resvalando, né?

Bianca: Olha, o que a Marina falou sobre a visão da amamentação como ato de amor, eu acho que esse foi, sem dúvida nenhuma, um incômodo assim, para mim, muito grande desde sempre, né? Assim, porque é, é isso. Se você pontuar a amamentação como um ato de amor, naturalmente considera que a pessoa que não amamentou, independente do motivo, não ama ou ama menos o

seu filho e isso para mim, assim, é inconcebível, né? Eu acho que a questão, uma questão que me incomoda muito nessa visão. Que eu acho que ela, a Marina falou e eu é que é um pouco biologizante assim da amamentação é a coisa da superioridade do leite materno, né? Do leite humano e tal, que é entender que assim, que o motivo primordial pelo qual as pessoas devem ser incentivadas a amamentar é porque não há nada igual a este leite, né? Assim, então, colocar o leite num pedestal que faz com que ele seja a coisa mais importante do processo me irrita profundamente assim, sabe? Porque eu acho que é tão reducionista? A visão é tão assim, sabe, tipo ah, é o melhor leite, ah, menos risco... Isso é maravilhoso gente, eu acho que assim sabe... É óbvio que é maravilhoso, é sensacional, é, é muito gostoso você pensar e falar assim, nossa, tem uma coisa que realmente a indústria nunca vai conseguir produzir igual tá, isso é muito maravilhoso. Eu acho que né, do... pras mulheres, especialmente assim é uma coisa, eu acho que é muito forte.

Irene: Quando a gente foge dos essencialismos, acabamos encontrando muitas contradições. E é assim mesmo, ambíguo, contraditório, difícil de simplificar e de explicar.

Daniela: A Bianca descreve muito bem essas contradições quando comentamos que a amamentação é empoderadora também, pras mulheres.

Bianca: Empoderadora, eu acho que é revolucionário. É você pensar também que é um superpoder, né quase que a gente fala. E é sim, e tu está tudo bem pensar isso. Mas assim. Achar que é só isso é me irrita muito, sabe? Assim porque, especialmente quando você se dedica a acompanhar pessoas que estão amamentando e que vão encontrar dificuldades e que vão ter que se desconstruir... e se reconstruir 1000 vezes para encontrar formas de seguir amamentando ou até de parar, se for o caso, enfim. É, reduzir isso ou classificar, né? Olha, tem amamentações melhores e outras não tão boas e tal. Isso é muito angustiante pra mim. Dá margem para uma visão assim, que eu acho que é super misógina, super medicalizada do processo, né? Que são coisas que a gente vê em outros países também, que a assistência à amamentação virou, não é não é orientar pessoas para amamentar. É assim: como que a gente consegue tirar mais leite dessa pessoa para ela dar mais leite para o bebê e aí vira o mercado, vira uma venda, vira uma... Vira uma fábrica de bombas, de não sei o quê, porque na verdade, assim você não está pensando em como promover o processo. Você está pensando assim, como eu faço esse bebê tomar +10 ml desse líquido maravilhoso, dourado, de amor...

Marina: Falando do leite, só do leite, a gente tá né deixando de olhar que tem uma pessoa ali, né? Que tá fabricando literalmente, fabricando leite, né? E tem uma relação ali, então acho que isso é o

primordial, né? No olhar pra essa relação e pro contexto, não existe um leite isolado.

Bianca: Eu acho que a gente realmente perde grandes oportunidades assim, quando a gente coloca o leite nesse, nesse lugar assim de, a coisa mais importante da amamentação, né? Eu acho que vem também de uma visão muito paternalista, não é da da gestante, da mãe, da pessoa que amamenta, que assim não pode falar das dificuldades, não conta para ela que a fórmula é isso porque senão ela vai desistir, porque senão ela não vai querer. Bom, veja, as pessoas que eu recebo aqui no meu consultório... Eu acho que qualquer elas são capazes de mover o mundo para o que elas querem fazer, sabe?

Daniela: Essa visão paternalista também se manifesta na imagem que temos comumente do que é uma Mãe....

Bianca: Essa coisa que Marina falou um pouco, também dessa visão angelical da mãe, né? Então aquela imagem das campanhas, mesmo, sempre uma pessoa branca maquiada, com cabelo liso, uma coisa meio religiosa, né? De Maria e tal carregando bebê, devotada ao bebê e olha...

Marina: Este bebê é gordinho. Tá mamando direitinho.

Bianca: Sempre, né? Feliz, tá todo mundo muito feliz. Tem alguém aqui do lado só falando coisas belas e... É com a perna cruzada maquiada assim, sabe? É, eu acho que tudo faz parte dessa visão, assim que é muito simples, muito reducionista de um fenômeno que eu acho que assim é, ele é múltiplo e ele vai ser vivido pelas pessoas de tantas formas diferentes, sabe? Ele não tem. Eu acho que a amamentação, ela não dá margem para classificação, é. Né? Especialmente essas coisas binárias, né? Ou isso ou aquilo e tal, poxa... É tão diverso e acho que a gente pode encontrar beleza em todas essas histórias, sabe assim.

Irene do Planalto: Tudo isso torna difícil modular as expectativas sobre amamentação com as realidades das mães, mulheres e pessoas que amamentam.

Bianca: É claro que amamentação, realmente, tem algumas orientações que a gente sabe que são importantes, porque elas vão muitas vezes preservar, garantir, aumentar as chances de um desfecho, que é o que a pessoa tá querendo. Então, assim, às vezes a gente não tem muita escolha, né? Olha, realmente, se você parar agora, não tirar o leite ou usar mamadeira ou usar chupeta, você vai

diminuir sim, o risco, né? Mas assim, porque que a gente não pode falar com as pessoas assim? É por que que a gente não pode mostrar para as pessoas? Olha, é não é uma proibição isso, né? Não existe só uma maneira, mas essa maneira a gente acaba orientando mais ou favorecendo e tal, porque ela pode melhorar as suas chances de ter aquele desfecho que você me disse que você quer, né? Mas eu como profissional, eu parto do princípio que, assim, eu estou lidando com uma pessoa adulta, sabe assim é que tem que tá que... Né? Ali, como alguém que é capaz de tomar as suas decisões... Eu ouvi muito isso na minha formação, né? Ah, ela não quer tanto assim amamentar, ela queria querer, ela queria querer amamentar, mas quando você vai ver de noite, ela está dando uma chupeta e tal. Eu pensava assim, cara, a gente está falando de pessoas, né assim, sabe? A gente está falando de mulheres que tiveram bebê, que estão à margem, que não tem, né? política pública que dê conta que não tem apoio, que não tem ninguém e a gente está dizendo que ela é, não quer?! Será que é isso, sabe? Assim, será que realmente é querer e tal? E né, ou aquela coisa toda mulher produz leite suficiente, né? Todo mundo pode amamentar é e outros dogmas, né, que a gente vai aprendendo e a prática vai mostrando pra você que assim, cara, não é isso que está acontecendo, não é isso que eu estou vendo aqui no meu atendimento, não é isso que eu estou vivenciando essa pessoa, ela está assim, vivendo desafios inúmeros.

Daniela: A multiplicidade de situações que Bianca vive em seus atendimentos levou ela a enfatizar práticas que possam fortalecer a autonomia de escolha das mães.

Irene: Mas quanto espaço temos para fazer essas escolhas, já que a organização mundial de saúde indica que é recomendada a amamentação até os 2 anos de idade?

Marina: É o ponto crucial, né? A gente está em uma linha muito tênue entre o que seria um ideal ali de uma recomendação baseada em pesquisas científicas, o que seria o possível, né? É... Então, é toda essa ideia de escolha informada, ela também está partindo de uma assim, de uma noção que existe pessoa, indivíduos autônomos que podem fazer decisões, tomar decisões de uma maneira racional né que não tem nenhuma atravessamento, nenhuma outra questão ali, que não é o que a gente vê na realidade, né? Uma escolha informada, é, informada, baseada no que, né? assim, em que contexto que a gente está falando que você pode tomar uma decisão racional informada? É, então eu acho que também para trabalhar com amamentação, eu acho que a gente vê muito essa linha tênue ali, né? Que é como falar o que assim, o que precisa ser falado, né, aquelas recomendações que são recomendações importantes, mas de uma maneira que você não que você também dê espaço para essa autonomia, né? E que você dê espaço para as pessoas que estão ali,

para os seus contextos de vida. É, e aí eu acho que isso é uma questão também que eu conversei muito com a Bianca em relação às consultoras que estão se formando para serem consultoras, né?

Bianca: Uhum.

Marina: Uma coisa que você me falou, Bianca, que como tem no começo, não é quem começa a trabalhar com um tema, vem muito ali com as suas verdades e com o seu ativismo em relação à amamentação e que na hora que você está ali nessa né atendendo uma pessoa, isso vira um grande complicador né, nessa relação. Porque se você já tem as verdades estabelecidas é como, então é só seguir as verdades né? Porque é que não está dando certo, então ela não está se esforçando o suficiente, né, enquanto que na verdade, você está trazendo ali uma pluralidade de questões que não passam por essa meramente por uma questão de uma escolha racional informada.

Bianca: A recomendação da OMS não dá conta, né? Do múltiplo, de cada humano, né? Da cultura, da influência, do impacto disso tudo. Então, assim, ninguém tá dizendo que isso não é importante. Eu acho que assim é muito importante que a OMS diz, e todos os trabalhos e os relatórios... na semana de amamentação, no mês de amamentação, fala pra caramba, e no resto do ano? Ninguém fala de amamentação, entendeu? Então assim, tem que falar mesmo, tem que falar o tempo todo e tal. Mas assim na hora da assistência, o profissional tem que entender que... é, existe um Abismo, né? Entre o que está lá no livro e o que está ali naquela pessoa, o que você está vendo ali? O que está rolando, o que está acontecendo.

Bianca: É aquela frase que diz quando uma pessoa para de amamentar, antes do que ela gostaria, né? Não é uma falha dela, é uma falha do do estado, é uma falha da sociedade. A sociedade falhou com ela, né? E é verdade, porque assim, é papel da OMS é papel das organizações, preconizar, né? Olha isso, é o padrão ouro, isso vai trazer melhores desfechos. Isso vai pavimentar aí coisas que são muito importantes, especialmente nos dias de hoje, mas assim, beleza. Cadê os recursos para fazer isso, assim sabe? Porque é muito cruel você colocar na mão da mulher essa responsabilidade, que é aquilo que a gente estava falando, né? E, no entanto, a gente segue reproduzindo isso, as campanhas seguem reproduzindo isso, os os dizeres, né?

BLOCO 3: As mães que sim, existem

Daniela: Marina e Bianca trouxeram a imagem da mãe como santa, devotada ao filho, sagrada. Uma mãe que é totalmente voltada para a amamentação também, fazendo todos os sacrifícios necessários em momentos que às vezes são, absolutamente, desesperadores, no puerpério.

Irene: Esse paternalismo infantiliza muito a mulher e muitas vezes desrespeita seus direitos reprodutivos né. A gente pediu pra Marina comentar um pouco mais sobre essa imagem.

Marina: É, e bom acho que esse paternalismo ele é muito comum ali nos discursos mais hegemônicos da do campo da saúde né, e eles vêm muito também numa ideia de que existe uma coisa que é a ciência que ela tem mais evidências científicas, né? Então cabem as pessoas serem formadas nessas evidências, para então seguir e fazer o que é melhor, baseada nessas evidências, né? Isso é muito comum, também é mesmo nos campos mais de ativismo em relação à amamentação, também ao parto humanizado, né? Mas eu acho que essa ideia ali, de que existe uma verdade que ela precisa ser seguida por todos, também acaba um pouco tipo né, reforçando esse tipo de imagem ali, da mulher santa que está fazendo o que é melhor pro seu filho né, que está ali se sacrificando, porque ela não deixa margem para outras coisas, não deixa margem para o contexto, não deixa margem para a vida, não deixa margem para aquela pessoa, né? Não deixa margem para os problemas que a gente sabe que aparecem e, principalmente se a gente está pensando no Brasil, num país tão desigual, então também tem atravessamentos de raça e classe, que também que vão dizer respeito a uma mulher amamentar, ou não amamentar, e como vai amamentar né? Então essas campanhas ali tão plastificadas, né? Que tem uma certa visão, elas estão deixando de fora uma porção de coisas, né? É, por exemplo, tem uma pesquisadora que eu gosto muito, que é a Irene Kalil, da Fiocruz e a pesquisa dela, ela olhou para os manuais ali e para as todas as recomendações do Ministério da Saúde em relação à amamentação. E aí uma das cartilhas que ela pegou para ler, para analisar, foi a cartilha da mãe trabalhadora, e aí que falava sobre a volta ao trabalho, né? Só essa volta ao trabalho, a gente já está pensando, quem é a mãe que tinha uma licença maternidade né. Quem é essa mãe? Qual o trabalho que ela exerce? E aí uma recomendação pra mãe no retorno ao trabalho continuar amamentando é que ela negocie com o seu é... empregador um momento de pausa para amamentar. Isso está em uma cartilha oficial ali do Ministério da Saúde, né? Então é... faz parte dessa mesma perspectiva que está deixando de fora uma porção de coisa, deixando de fora até assim, ignorando mesmo né? Não está querendo ver uma porção de coisas... talvez pesem muito mais ali do que uma ideia de amor, uma ideia de devoção, né? Certamente.

Bianca: E isso é tão cruel, né? Com as pessoas, porque quando você coloca no lugar, de garantir a saúde de um bebê, da infância, do futuro do país e tal, é... Você está colocando na mão daquela pessoa que não recebeu nada, né? Tipo assim, nenhum benefício que foi deixada à margem desde sempre, por gerações inclusive, né, como aqui no nosso país, e falar agora é, mas é você que vai

garantir a saúde do bebê e o futuro do país, né? Você que vai garantir que a gente tenha um país com menos obesidade, diabetes, câncer, lixo, porque agora até o lixo também, né? Porque tem isso também. Ou é, você precisa ajudar também, não, não, não. Amamentar de graça também é um outro ranço absurdo, né? Olha o leite materno, ele é de graça, ele não custa, ele não tem custo para você. Aí o teu orçamento não vai ser tão prejudicado. Não sei para quem é de graça, né? Assim, só se a gente desconsidera realmente que tem alguém produzindo ali é... E isso pega muito né, porque esse quando o discurso passa por aí, a saúde é inegociável né assim, não tem questionamento, então assim. É pela saúde e pelo bem-estar da criança. É o futuro e essa coisa, né? do bebê, o bebê é o futuro, é a promessa, é a esperança. Então isso é muito cruel com a pessoa.

Daniela: Neste ponto da conversa, a Marina resumiu o que para ela é uma perspectiva feminista sobre amamentação, e que se estende como parte dos direitos reprodutivos.

Marina: É, eu acho que a grande questão assim, quando a gente está olhando para essa temática, é olhar à luz do bom, da perspectiva feminista e dos direitos reprodutivos né? Eu acho que essa tem que ser a chave, é... E não olhar para a mulher como se fosse um mero veículo ali. Um receptáculo, né? E tal, sua única obrigação é construir bebês saudáveis para a nação como a Bianca tá falando.

Bianca: Ou leite né, também. Porque na verdade você presta se você gerar, né? Então, mas só gera, né? Você não importa, só gera e coloca no mundo e produza o leite, para garantir que a gente vai ter um potencial, um QI melhor uma, né, menos questões de saúde e tal menos despesa de saúde com essa criança é no futuro, né? No vir a ser, então assim, nesse sentido as questões do aborto, elas passam junto, porque você está reduzindo um humano né, a uma fábrica, né? Assim, então é, você tem um propósito. Se você não cumpre aquele propósito, você também não interessa a ninguém, né? E a verdade é que as mulheres não interessam a muitas pessoas, né? Então, assim, a gente vê isso muito próximo no discurso de muitos profissionais na área da saúde, sabe? Que é uma pegada meio religiosa, meio de proteção à infância, de identificação com bebê e tal, e que olha o bebê desvinculado de tudo aquilo que é necessário para que ele exista.

Marina: É, eu acho que ao mesmo tempo que a gente estava falando ali de como a gente recorta o leite, né? Isola o leite da mulher e da pessoa ali é... quando a gente está falando do aborto a gente também está isolando um útero, né? Então, fica ali meramente como um útero que tá sozinho, que está fora de todo o contexto, não tem ninguém em torno dele, né? E então a política, enfim, vai toda em cima daquele órgão e, enquanto que a resposta assim **o caminho é um, se pensar em direitos**

reprodutivos, se pensar na autonomia, né? Pensar de outras formas para essa questão.

Fechamento

Música de fechamento: "Já foi", de Janine Mathias.

Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Pra quê?

Irene: Entre o direito e o dever de amamentar estão os direitos das mulheres e pessoas que amamentam. Assim como a gestação e o parto, a amamentação é um foco importante de regras e normatividades sobre como mães e bebês devem ser e agir. É uma fase que envolve muito cuidado e atenção, exige da pessoa que amamenta uma disposição e uma dedicação enormes! Marina e Bianca nos trazem exemplos muito bons de como as expectativas em relação às atitudes das mães, à saúde dos bebês, acabam muitas vezes impondo dificuldades para ambos. Amamentação parece algo simples, mas nem sempre é. Há problemas, há dores e há dificuldades que aparecem, e cuidar delas envolve uma especialidade, uma profissão como a de Bianca.

Daniela: Além disso, coloca também questões para a antropologia feminista, como Marina vem desenvolvendo. Assim como a gente já viu em outros episódios, como o da violência obstétrica, nem sempre os direitos e necessidades das mulheres são respeitados: na maioria das vezes, sequer são considerados. Como diz Marina, uma perspectiva feminista sobre a amamentação precisa, necessariamente, passar pela discussão sobre direitos reprodutivos, e sobre justiça reprodutiva. É preciso lembrar que essa mulher que produz o leite é um ser humano, que pensa, sofre, e que precisa poder fazer suas escolhas, tomar suas decisões, e ser apoiada. Amamentação também é uma pauta feminista: o direito a amamentar, a parar de amamentar, a ser cuidada enquanto cuida. Como dizia lá um dos quadrinhos na parede da Bianca, "A vida é curta demais pra gente perder tempo tentando ser uma mãe que não existe".

Irene: Esse foi o episódio "As mães que, sim, existem: amamentação e perspectivas feministas". Agradecemos muito pela sua audição. Mais informações sobre as participantes do episódio e o projeto do Mundaréu, você encontra na nossa página: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>

A gente agradece o apoio da equipe que esteve no Rio de Janeiro, Fernanda Mariath e Isabela Soares. A equipe que fez a produção final do episódio: Maxie Viana Pereira, Gabriel Marçal e Igor Pereira. A equipe que ajudou a divulgá-lo nas redes sociais: Bruna Santos, Joana Amaral, Fernanda Mariath, Luana Ainoã, Rai Almeida, Sabrina Neves e Vanessa Souza. A música dessa temporada segue sendo “Já foi”, da cantora Janine Mathias. O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de Antropologia e Ciências Sociais, do Brasil e de Portugal. Para conhecer estes outros programas, visite: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

A FAPESP, a Unicamp, a FAP-DF, o CNPq e a UnB apoiam o Mundaréu e somos gratas por isso.

A gente se encontra e se ouve aqui. No mês de outubro com mais uma conversa sobre antropologia, ciência e feminismo. Até lá!